Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2821unse

NO XXVIII — Brasil — E. S. Paulo—Matão, 15 de Março de 1952 — N. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

O Perispírito ou corpo espiritual . *Redação*
Uma Serva de Jesus . . . . . *Maj. Levino Cornélio Wischral*
Comparando — Ontem e Hoje . . *Pereira Guedes*
Descrucifiquemos o Cristo . . . . *Leopoldo Machado*
Os Mortos Falam . . . . . *Wanderley Cabral*
Úlceras Fantasmas . . . . . *Odilon José Ferreira*
Será nossa Alma uma glândula á parte em nosso corpo ? . . . . *Gumercindo Lopes Coimbra*
O Corpo Astral Fotografado no Momento da Morte . . . . . *U. P. Wan Walt*
Salve, Grande Missionário ! . . . *Max Kohleisen*
Evangelho e Paz . . . . . *Lima Filho*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Elucidações Evangélicas
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Espiritismo

Vários assuntos:

Umbanda em Julgamento
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

ANO XXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Março de 1952 — NUM. 2

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Perispírito ou corpo espiritual

LÉON DENIS, um dos mais notáveis escritores espíritas, em sua monumental obra — «Depois da Morte», dedica um capítulo ao estudo do perispírito, ou corpo espiritual.

Ao transcrever referido capítulo, temos por objetivo esclarecer os menos versados no assunto. Léon Denis emprega uma linguagem clara, acessível a todas as inteligências e entra logo no estudo, sem rodeios, satisfazendo plenamente os estudiosos.

Diz êle:

«Os materialistas, em sua negação da existência da alma, muitas vezes têm apelado para a dificuldade de conceberem um sêr privado de fórma. Os próprios espiritualistas não sabem explicar como a alma imaterial, imponderável, poderia presidir e unir-se estritamente ao corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontram solução nas experiências do Espiritismo.

Como precedentemente já o dissemos, a alma está durante a vida material, assim como depois da morte, revestida constantemente de um envoltório fluídico, mais ou menos sutil e etéreo, que Allan Kardec denominou *perispírito* ou corpo espiritual. Como participa simultaneamente da alma e do corpo material, o perispírito serve de intermediário a ambos: transmite à alma as impressões dos sentidos, e comunica ao corpo as vontades do espírito. No momento da morte, destaca-se da matéria tangível, abandona o corpo ás disposições do túmulo, porém, inseparável da alma conserva a fórma exterior da personalidade desta. O perispírito é pois um organismo fluídico; é a fórma preexistente e sobrevivente do sêr humano, sôbre a qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla e invisível, constituida de uma matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos por mais impenetráveis que estes nos pareçam.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. O perispírito é que garante a manutenção da estrutura humana e dos traços fisionômicos, e isto em todas as épocas da vida, desde o nascimento até à morte. Exerce assim a ação de uma fórma, de um molde contratil e espansivel sôbre os quais as moléculas vão incorporar-se.

Êsse corpo fluídico não é entretanto imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através de suas inumeráveis encarnações; com ela, sóbe os degraus da escala hierarquica, torna-se cada vez mais diafana e brilhante, para resplandecer, em algum dia, com essa luz radiante de que falam as Bi-

blias antigas e os testemunhos da história a respeito de certas aparições. E' no cérebro dêsse corpo espiritual que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes, e é sôbre essas linhas que, na reencarnação, se modéla e se fórma o cérebro da criança. Assim, o intelecto e o moral do Espírito, longe de se perderem, capitalizam-se e aumentam-se com as existências dêste. Daí, as aptidões extraordinárias que trazem, ao crescer, certos sêres precoces, particularmente favorecidos.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispiritais, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutís, as mais delicadas.

Por efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sôbre o perispírito, o tornam mais pesado, denso e obscuro. A atração dos globos inferiores, como a terra, exerce-se de um modo irresistível sôbre esses organismos espirituais, que em parte, conservam as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos Espíritos que sentem tais necessidades sucedem-se rapidamente, até que o progresso pelo sofrimento venha atenuar suas paixões, subtraí-los ás influências terrestres e abrir-lhe o acesso de mundos melhores.

Estreita correlação liga os três elementos constitutivos do sêr. Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutíl, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sôbre o perispírito, tornando-o mais harmônico em fórmas e mais etéreo ; revelam-se até sôbre o próprio corpo : a face então se ilumina com o reflexo de uma chama interior.

E' pelas correntes magnéticas que o perispírito comunica-se com a alma. E' pelos fluìdos nervosos que ele está ligado ao corpo. Esses fluìdos, posto que invisìveis, são atilhos poderosos que a prendem à materia, do nascimento à morte, e mesmo nos sensuais, assim a conservam, até a dissolução do organismo. A agonia nos representa a soma de esforços realizados pelo perispírito afim de se desprender dos laços carnais.

O fluido nervoso ou vital, de que o perispírito é a origem, exerce um papel considerável na economia organica. Sua existência, seu modo de ação podem explicar bastantes problemas patologicos. Ao mesmo tempo agente de transmissão das sensações externas e das impressões ìntimas, ele é comparável ao fio telegráfico, transmissor do pensamento, e que é percorrido por uma dupla corrente.

A existência do perispírito era conhecida dos antigos. Pelas palavras — *Ochéma* e *Féroner*, os filósofos gregos e orientais chamavam o invólucro da alma «lúcido etéreo, aromático». Segundo os persas, assim que chega a hora da reencarnação, o *Féroner* atrae e condensa em torno de si as moléculas materiais que são necessárias à constituição do corpo, e, pela morte deste, as restitue aos elementos que, em outros meios, devem formar novos invólucros carnais. O Cristianismo tambem conserva vestígios dessa crença. S. Paulo, em sua primeira epístola aos corintios, exprime-se nos seguintes têrmos :

«O homem está na terra com um corpo animal e ressuscitará com um corpo espiritual. Assim como tem um corpo animal, tambem possue um corpo espiritual.»

Embora em diversas épocas tenha sido afirmada a existência do perispíriro, foi ao Espiritismo que coube determinar o seu papel exato e a sua natureza. Graças às experiências de Crookes e de outros sábios ingleses, sabemos que o perispírito é o instrumento com cujo auxilio se executam todos os fenômenos do magnetismo e do Espiritismo. Esse organismo espiritual, semelhante ao corpo material, é um verdadeiro reservatório de fluìdos, que a alma põe em ação pela sua vontade. E' ele que, no sono natural como no sono provocado, desprende-se da matéria, transporta-se a distancias consideráveis e, na escuridão da noite, como na claridade do dia, vê, percebe e observa coisas que o corpo não poderia conhecer por si.

O perispírito tem portanto sentidos análogos aos do corpo, porém muito mais poderosos e elevados. Ele tudo vê pela luz espiritual, diferente da luz dos

astros, e que os sentidos materiais não podem perceber, embora esteja espalhada em todo o universo.

A permanência do corpo fluídico, antes como depois da morte, explica tambem o fenômeno das aparições ou materializações de Espíritos. O perispírito, na vida livre do espaço, possue virtualmente todas as fôrças que constituem o organismo humano, mas nem sempre as põe em ação. Desde que o Espírito se acha nas condições requeridas, isto é, desde que póde retirar do médium a matéria fluìdica e a fôrça vital necessárias, ele as assimila e reveste pouco a pouco as aparências do corpo terrestre. A corrente vital circula então, e, sob a ação do fluìdo que recebe, as moléculas físicas se coordenam segundo o plano do organismo, plano de que o perispírito reproduz os traços principais. Logo que o corpo humano fica reconstituido, o seu organismo entra em funções.

Às fotografias, os moldes obtidos na parafina, nos mostram que esse novo corpo é identico ao que o Espírito animava sobre a terra ; mas essa vida só póde ser temporária e passageira, porque é anormal, e, os elementos que a produzem, após uma curta condensação, voltam às fontes donde foram emanados.

Uma Serva de Jesus

Major Levino Cornelio Wischral

Tina é o apelido de uma serva de Jesus que, em plena cidade barulhenta, entre os soberbos arranha-céus, no meio de pessoas de todas as categorias sociais exercita-se no aprendizado do Evangelho, aliviando com passes os enfermos do corpo e amparando com palavras confortadoras os que impensadamente se atolaram no lôdo da perdição.

Procuram-na desde o muleque do cortiço até a virtuosa dama palaceana. Todos são atendidos em nome de Deus, uns são curados, outros esclarecidos e consolados.

Quando o espìrito protetor, um preto velho, se incorpora à médium Tina, ouço enternecido suas sábias sentenças. E' ele conhecido na intimidade como pai Joaquim ; para os outros é apenas «um irmão do espaço». Seus conselhos são de causar admiração pela profunda filosofia que encerra e pelo modo singelo por que expressa opiniões exemplificadas.

Para cada cliente que dele se vem socorrer, tem o remedio apropriado na ponta da língua ; de relance, tudo vê e tudo sabe ; conhece os pensamentos que desejariamos ocultar. E' espìrito de longa experiência ; foi escravo africano em Minas, por ocasião de sua última vestimenta carnal. Em longíquas encarnações passadas fôra branco e tambem médico na Europa em outra ocasião.

Hoje consideramo-lo nosso familiar ; não o vemos é verdade, tanto faz, mas sentimo-lo sempre presente.

Os que dele vêm receber fluidos vitais ou conselhos pedem logo, ou melhor, chegam a impor à medium sem cerimonias ou rodeios : «Queremos pai Joaquim, não queremos outro espìrito.» Sentem-se íntimos desse humilde guia.

E' interessante observar como cada consulente nutre a persuasão de que pai Joaquim trabalha exclusivamente para si ; que a qualquer momento está à sua disposição. Ainda bem que todos o compreendem e praticam religiosamente o que o bom preto lhes recomenda. A fé é grande, por isso as curas vão se processando ; os sofrimentos são amenizados, os obstaculos vão sendo contornados, tudo naturalmente sem invadir o livre arbìtrio alheio.

Constantemente, centenas de enfêrmos e necessitados permanecem a ele vinculados pelo pensamento, ligação essa que no espaço aparece em fórma de tênues e luminosos fios magnéticos, dando isso ensejo a que se forme um intercâmbio de paz e harmonia, altamente propìcio à recepção de energias restauradoras por parte dos doentes. Podemos comparar esse sistema de permutas, ainda pouco conhecido, como uma autêntica transfusão de sangue.

Expressa-se pai Joaquim através da médium em sotaque de preto velho dos tempos de antanho e, inconfundì-

veis gestos peculiares de pessoa alquebrada acompanham suas palavras. Como é lógico, nessa circunstância, transforma-se radicalmente a fisionomia e os modos de Tina que então tomam todas as caracterìsticas do irmão comunicante.

Já por duas vezes, ante uma assembléa espírita disse ele: «Vou falar agora diferente, falarei como branco»; e, instantaneamente toma posìção ereta e atitude peculiar de civilizado culto. Em seguida, tal qual cascata, sólta aos borbotões o verbo fluente como se fosse eximio orador das massas. Terminada sua eloquente oração, muda num lampejo, retomando a habitual fala de preto humilde. E' impressionante a rápida mudança que se processa na pessoa da médium, especialmente quando passa do falar de um escravo submisso ao tom de um exaltado orador.

Dirigindo-se certa vez a uma pessôa que se apresentava de semblante sisudo pelas vicissitudes, disse, enquanto lhe transmitia passes: «Meu filho, nada, absolutamente nada se perde na imensidão do Universo. Ainda que seja o mais raro e fugaz desejo de ajudar o pròximo é este desejo aproveitado pela divína alquimia que transforma essa — apenas intenção — em benefício para a pessôa a quem é emitido o pensamento.

Até o próprio autor de pensamento prejudicial, uma vez completado o ciclo dessa força destruidora lançada contra seu rival, recolherá para si valiosos proveitos, estes porém, advindos, infelizmente, como é lógico, pelo canal do sofrimento e gerados pela imutavel lei do choque de retorno.

Como vê, dentro do livre arbìtrio, podem uns alcançar a perfeição avançando sôbre os alvos e macios tapetes do entendimento fraterno, enquanto outros preferem rastejar morosamente sôbre os calhaus ponteagudos da discórdia.

Já escolheu você, meu amigo, o material para forrar o seu caminho? Lembre-se que, desejar ardentemente o bem aos outros é adquiri-lo para si próprio.

Aquele rosto sisudo iluminou-se de entendimento. Por quanto tempo? Quem o sabe!

De outra feita, enquanto o mensageìro celeste transmitia passes a uma senhora, ouvia-se o seguinte: «pai Joaquim, lá no hotel onde sou governanta, uma das empregadas olha para minha filha com muita inveja; eu não gosto dela e venho pedir um trabalhinho para arreda-la do nosso caminho; tenho medo que a criança adoeça.» Apòs pequena meditação o espírito respondeu: «Sim, vamos evitar maior mal induzindo aquela empregada a encontrar outra ocupação mais rendosa.» Julguei difícil o impasse, no entanto a solução foi cristã e totalmente imprevista; magistral saìda!

Um outro dia apresentou-se aflita pessoa desejosa de livrar-se de persistente e velha enfermidade na garganta, já lhe dificultando a fala e a respiração. Médicos explicavam diagnósticos complicados; curativos penosos já haviam sido aplicados e aviado o receituário de drogras caras.

A moléstia avançava com escârneo; e, por desencargo de consciência foi lembrado por alguém a médium lá do arranha-céu, não se fazendo esperar para o socorro o irmão invisível.

Foi uma luta titânica que se desenvolveu no plano espiritual em torno da enfêrma. Os médicos e enfermeiros do espaço tiveram de mobilizar certos apetrechos e aparelhos ainda nem imaginados pelo homem e, após laboriosa transmissão de passes horizontais e transversais, tudo se normalizou como por encanto. A doente que não falava e mal respirava, articulou, de pronto, palavras fortes e firmes. Em seguida, com humildade fez-se ouvir o guia: «Foi um irmãozinho desencarnado que se entranhou nas carnes da doente pela razão desta se referir ao morto com palavras de desrespeito. Graças a Deus êste espíríto já foi afastado e internado num sanatório do espaço. Muitos paralíticos e aleijões apresentam casos análogos».

Em outra ocasião e com relação ao facto narrado o tutor invisível esclareceu: «Há pessoas tão afastadas do amai-vos uns aos outros que vivem em negra e densa atmosfera de tamanho sofrimento e desequilíbrio psíquico que os espíritos inferiores se comprazem acompanhando-as como verdadeira chusma, famintos de torpes emoções. Naturalmente essa coabitação se faz por fôrça da lei de afinidade. Êsse lúgubre séquito é composto de espíritos das trevas, de formas mal definidas, de feições horri-

pilantes, apresentando monstruosas carrancas».

Algumas vezes pela misericórdia do Pai, são essas pessoas, sem se aperceberem, encaminhadas a algum médium ou levadas a algum centro e oh! que ingentes esforços para isolar esses espíritos agarrados aos encarnados tal qual limalha ao imã, pois, o auxílio deve processar-se dentro do divino sentimento fraterno. Afastar, esclarecendo e conjugar a energia e o amor é algo difícil. Já experimentou?

Que fazer se há pessoas que cultivam e até com carinho êsse consórcio? Eis a razão por que, após os passes essas pessoas sentem-se aliviadas de alguma coisa que não sabem exprimir. Outros ficam leves e consolados com as bençãos do Alto.

Dai graças a Deus não terdes a vidência para não serdes aterrorizados por essas figuras hediondas. Não suportarieis. Necessitam de compaixão e muitas preces.

Nos dias de passes ou de trabalhos mediúnicos, afluem para o local, sob vigilância dos guias, dezenas, ou mais acertado, centenas de espíritos ansiosos por suavisar seus padecimentos em contacto com os médicos e enfermeiros da região etérea. Nem a pequenez do local, nem as paredes constituem obstáculo para os irmãos de cima. Falanges desses irmãos são acomodados onde normalmente não caberiam vinte pessoas encarnadas. Os espíritos do bem criam e ampliam fluídicamente com a rapidez do pensamento; seu desejo é um ato realizado.

A título de ajutório aos encarnados de boa vontade que se entregam sinceramente à doutrina, costumam os emissários divinos fazer postar à entrada das residências dos médiuns ou dos centros, quando necessário, um espírito amigo, tal qual sentinela de Cristo, incumbido de velar para que o aprendizado da seára de Jesus não seja perturbado por espíritos maus ou galhofeiros.

Entre os que se vem retemperar auferindo novas forças para seus corpos físicos e luzes mais brilhantes para suas almas são observados casos interessantes.

Há os que se ofendem e não mais voltam à presença dos guias, por destes ouvirem delicadamente verdades, incomodas na certa, porém, benéficas e necessárias.

Observa-se que cada um constrói seus cruciantes problemas ligando-os porém, mau grado, a mil outros obstáculos de pessoas de suas relações. Enorme relutância encontram os espíritos para desfazer êsse confuso emaranhado tecido através longo tempo pelas vibrações negativas. Se os encarnados cooperassem um pouquinho mais com o Alto, empregando de vez em quando ações fraternas, os abnegados mensageiros do Pai transformariam em lírios as pedras semeadas no sólo da nossa existência.

Com pesadas dificuldades plantam outros em seus corações a rara árvore do discernimento. Logo após, porém, apenas lançadas suas debeis raízes, arrancam-na violentamente por pretextos tão fúteis que chegariam até a pasmar ao irracional.

Ainda ressoam em nossos ouvidos os últimos ensinamentos dêsse bondoso espírito. Ouçamo-lo: «Cada pensamento perverso ou imoral posto em movimento contra alguém, injeta no autor dêsse pensamento, como indesejável herança, certa dose de perigosa toxina. Estes pensamentos indignos causam a enfermidade do corpo que assim permanece enquanto não se restabelecer a concórdia ou enquanto não perdoarmos áquele que nos ofendeu».

A procurada chave do segredo para a boa saúde é pois, projetarmos sempre ao redor de nós pensamentos puros e sublimes; enfim, pensamentos cristãos.

A verdadeira paz não está condicionada a interesses humanos. Ela está estribada na Justiça, salvaguarda do direito comum. E a justiça nos manda fazer sómente tudo que desejamos que os outros nos façam. Êste é o fundamento do amor fraterno pregado e exemplificado por Jesus durante a sua peregrinação na Palestina.

CAIRBAR.

Comparando Ontem e Hoje

O ano de 1920 já vai longe; entretanto, jamais nos esqueceremos das grandes emoções que tivemos em janeiro dêsse ano, ao ouvirmos, em Realengo, no Centro «Amor e Caridade», a palavra de um grande orador espírita que tanto nos empolgou.

O conferêncista dêsse dia, sob a presidência do então brigada José Carvalho de Medeiros, foi o ex-frade Gustavo de Macedo (Frei Solanus), que nos provou, com abundancia de argumentos, tirados dos próprios Evangelhos, a inexistência do diabo.

Um ou dois anos depois, ao lado de Viana de Carvalho e de Manoel Quintão, em fraternal assembléia realizada na rua Camerino, fomos encontrar de novo o Frei Solanus que, perfeitamente identificado com os dois companheiros defendia a sublime tese das confraternizões entre espíritas então dispersos.

Ontem, unidos pelos mesmos ideais de confraternização, os maiores valores intelectuais do Espiritismo no Brasil, se empenhavam no sentido de congregados em torno de um objetivo comum, realizar, em defesa do Patrimônio Sagrado, um movimenio que pudesse defender a Doutrina das garras de possíveis vilipendiadores, tal como aconteceu ao Cristianismo no passado.

Em 1926, inesperadamente, vitimado por rebelde enfermidade, tomba entre os mortais, em perene luta pela imortalidade, o destemido e valoroso tribuno Viana de Carvalho.

Gustavo de Macedo, saudoso da sacristia, instala-se como pastor de uma nova igreja e vai assim, (até hoje), pregando como entende e como pode a sua religião, estendendo, no final das suas cerimônias, a destra que abençôa e recebe os beijos beatíficos da multidão de fiéis que comparece, aos domingos, à igreja da rua da Conceição em busca do único pastor do único «templo» dêsse gênero espiritualista.

Manuel Quintão, o mais digno padrão de honra dentre os muitos que ainda vivem e passaram pela Federação Espírita Brasileira, é hoje um solitário venerado pelos irmãos que o procuram na própria residência, afeiçoados ás suas atitudes de defensor intransigente do Evangelho do Cristo, o maior dos patrimônios.

Da cidade de Matão, repercutindo pelo Brasil inteiro, a voz do ardoroso apóstolo Cairbar Schutel, em «Parábolas e Ensinos de Jesus», definindo a religião dos homens, nos alertava contra o perigo da conspurcação a que estava ameaçada a Doutrina.

Hoje... nem é bom falar!

O Espiritismo agora é diferente. Sim, diferente daquêle que então pregaram os nossos maiores.

O Espiritismo de hoje é bem semelhante à religião dos homens da qual tanto nos falára Schutel. Confirmam as nossas palavras, tudo que vemos e ouvimos: os programas de rádio, as festas com foguetórios, músicas e bandeirinhas de papel de côr.

Em grande parte, o Espiritismo de hoje segue a trilha do cristianismo enxovalhado e transformado em religião dos homens.

Resta-nos, porém, uma esperança! E' que o Patrimônio Sagrado será defendido pelas fôrças do bem conjugadas e postas a serviço da Doutrina.

Aqueles que hoje, sem quaisquer credenciais se apresentam como lideres, fazendo do Espiritismo tablado de exibicionismo e sem nenhum respeito aos veneráveis paladinos que nos legaram, na conduta de cada um, tão rico patrimônio de virtudes, compreenderão por certo o valor da dignidade, e, embora relutando, hão de certificar-se da utilidade da nossa intransigência em não emprestarmos apôio aos que, em nome do Espiritismo malbaratam de novo o maior legado — o Cristianismo.

PEREIRA GUEDES.

A humildade não dissimulada é o caminho mais curto que nos conduz ao aprisco do Senhor. O maior sábio é aquêle que sabe ser humilde. — Camargo.

Descrucifiquemos o Cristo

Ao Padre Nonato Pinheiro
Da Academia Amazonense de Letras

SOMOS grato, duplamente reconhecido ao ilustre padre acadêmico, por nos ouvir pela *Rádio Baré* e nos honrar com a coluna de O JORNAL de Manáus, de 10 XII. Por honrar-nos com os hierogrifos de sua prosa a propósito da cruz, que lhe é um hierogrifo divino.

Atira-nos o reverendo Nonato com a responsabilidade do convite para descrucificarmos o Cristo! Entretanto, o convite parte de gente mais autorizada do que nós ambos, porque de um padre francês, Pierre Lange, cujo nome devia ter ouvido pronunciado por nós, conforme escrito seu, traduzido, inserto em A NOITE, do Rio, precisamente há uns dez anos. Crônica que possuimos arquivada; que aparecerá se houver mister. Gostariamos de assumir, para gaudio nosso, a autoria do convite, que o aceitamos, exatamente por sermos espírita, porque o Espiritismo está descrucificando o Cristo.

Concordamos com o Padre Nonato em que o Cristo dignificou a cruz. E, dignificou-a tanto, que afirmara: «Quando eu fôr alevantado na cruz, atrairei todos a mim». Mas, ser alevantado na cruz, não quer dizer Sua permanencia eternamente crucificado, o que tem feito, infelizmente, a Igreja de Roma. Continua crucificando-O duplamente: na Sua Doutrina, que adulterou dolorosamente, reduzindo-a à admirável organização temporal que aí está, «a obra política mais genial da inteligência humana», como afirma Augusto Comte; e no seu corpo simbólico. E' Roma aquela Sodoma apocalíptica: «onde também o Senhor foi crucificado», como se vê no Apocalípse (cap. XI-8).

O reverendo acadêmico, que se esparramou copiosamente, no jornal, com sua literatice hierográfica, aproveite-se de espaço igual para desmentir-nos, provando que sua Igreja é a Igreja do Cristo. Faça-o, que nos encontrará para demonstração em contrário, folheando a História e as Escrituras, os factos e as ensinanças do Catolicismo...

Ficamos-lhe agradecido, também, por haver descoberto serenidade e nobreza até mesmo nos ataques à Igreja, na exposição que proferimos no *Teatro Amazonas*, irradiado pela *Baré*. Exposição que o ilustre reverendo classifica de discurso e conferência. Entretanto, nem conferência, nem discurso, que essas coisas xaroposas e vazias são próprias de políticos e reverendos. Somos mais objetivos, porque somos professor embora fóra de sua época. Assim, o que proferimos alí foi uma exposição didática, para os poucos que, nesses dias politicamente clericalizados, já têm olhos de ver, ouvidos de ouvir e inteligência de compreender. «Objeções mil vezes apresentadas e mil vezes respondidas», como diz o ilustre padre acadêmico? Duvidamos muito. O que ouviu pela *Baré*, foram argumentos que não se destróem facilmente, porque pela primeira vez coordenados e concatenados assim. E a prova é que, de todos os argumentos que encheram hora e meia, S. S. só se preocupou com a Cruz, em crucificar ainda mais o Cristo, porque não compreendeu nem sentiu o sentido que seu colega francês emprestou aos termos *descrucificar o Cristo*, que é realizar, em nome do Cristo. obras de piedade Cristã, de caridade e humanitarismo, o que a Igreja não faz, absolutamente. Agora mesmo na Igreja de Nazaré, em Belém, ouvimos do padre de lá que só a porta principal do templo reformado vai ficar em mil e duzentos contos... Ora, isso em nome do Cristo, e numa terra de pobreza e miséria, com o dinheiro arrancado à miséria e à pobreza, é, não há negar, crucificar, ainda mais, o pobrezinho do Cristo de Deus! E foram exatamente devido a crucificamentos como tais que a Igreja de Roma, toda poderosa durante «a noite de dez séculos» que foi a Idade Média, para Michelet, não fez a humanidade feliz, não conseguiu a espiritualização e a cristianização da humanidade, não evitou que surgisse a Reforma e é impotente para impedir o sur-

to do Espiritismo. E, a despeito de ainda poderosa entre os povos primitivos em cultura religiosa, como o nosso povo, não tem fôrça para evitar que outras doutrinas se formem no seio de *sua cristandade*, oferecendo mais consolações e vantagens...

Se não existisse a dentro da Igreja e da Idade Média, um Tomaz de Aquino, seria fôrça admitir que, então, tal noite fôra, além de longuíssima, profundamente caliginosa. E a justiça que o expositor espírita fez ao grande vulto da Igreja, é prova de que o Espiritismo não precisa guerrear religião nenhuma para propagar-se. Não tivemos, assim, ataques ao Catolicismo. Comparamos, apenas, na consciência de que só se póde conhecer o melhor, pondo-o em confronto com o pior. Ademais, uma Doutrina que «não veio para afastar ninguém de sua crença, desde que se sinta bem nela», que reconhece «todas as religiões são caminhos diferentes que levam ao mesmo alvo», por isso mesmo que o Cristo ensina «tenho outras ovelhas que não são dêste rebanho»; uma Doutrina assim, não tem interêsse em atacar crença, e religião de ninguém. Mormente, se não tem sacerdote assalariado para pregá-la; se não consente que ninguém viva a explorar a fé alheia, que é o caso do Espiritismo.

Reconhecemos o grande papel que a Igreja desempenhou no passado. Negá-lo, seria crime que nenhum homem culto e de bem cometerá. Principalmente, por paixão sectaristica. Foi ela, não há negar, a depositária do ideal do Cristianismo. Principalmente, nos primeiros séculos, em que o Bispo de Roma ainda não tinha se arvorado a papa. Mas, admitir que, em pleno século XX, é ela o único caminho certo e curto de levar a criatura ao Criador; que sómente nos braços de sua cruz póde o homem chegar ao Cristo de Deus, é outra questão. Aliás, se bem ouviu pela *Baré* nossa exposição, devia ter sentido a lógica da argumentação que desafia contradicta de quem quer que seja, ainda que tenha maior graduação na hierarquia clerical e pertença a academias mais altas.

E ás suas prezadas ordens, Pe. Nonato Pinheiro, d. d. Membro da Academia Amazonense de letras!

Leopoldo Machado.

OS MORTOS FALAM

Wanderley Cabral

NO capítulo do progresso humano, é interessante notar, duas grandes correntes põem-se em campo e entrechocam-se.

De um lado, o labor redentor dos que propulsionam o rôlo evolutivo; do outro, a inércia neutralizadora dos indiferentes. Desta luta universal surgem os momentos atuais, onde as conquistas humanas se nivelam, como soma algébrica das derrotas e das vitórias. Como troféu dos tempos, afloram-se as parcelas progressivas do conhecimento.

Do movimento de uma tampa de chaleira e da queda de uma fruta, o homem concluiu as máquinas possantes e as leis imutáveis que regem as órbitas dos mundos. As impressões e sugestões do passado foram e continuam sendo aprimoradas.

O homem cresce, tudo sabe, tudo explica, tudo equaciona.

No entanto, que sabe êle de sua origem, de sua função, de seus destinos?

O que se tem é um amontoado de complicados princípios filosóficos que não nos levam a conclusão alguma.

A êsse respeito, pudemos, há dias, lêr, num vespertino carioca, uma crônica bastante expressiva em que Tristão de Ataíde, nome de todos conhecido, relata a sua decepção ao verificar o desentendimento e desproveito das conferências filosóficas a que foi assistir no estrangeiro. Verdadeiro cáos — afirma êle. E' acabrunhadora essa afirmação e não temos a pretensão de ratificá-la.

No domínio das cousas imateriais, não temos avançado muito.

Se, hoje, século das formas aero-dinâmicas e atômicas, inquirirmos acerca da alma, um grande silêncio sucederá, salientando o nosso descaso pelas cousas eternas.

Destas muitas dúvidas que o nosso desinterêsse gerou, aquí almejamos citar o problema da comunicação dos que já trasladaram as fronteiras do sepulcro. O que nos admira, nêsse particular, é a ignorân-

cia, não nos amedrontamos de dizer, que os nossos irmãos manifestam.

Desde os pródomos de nossa civilização houve a inter-comunicação entre os «vivos» e os «mortos», não constituindo novidade para ninguém a influência que exerceram as pitonisas e os oráculos nos governos antigos.

A Bíblia está repleta de fenômenos e comunicações e até mesmo Moisés nos fala do abuso dessas manifestações, obrigando-o a proibí-las os fins ilícitos para que o povo as usava.

Não desejamos, em verdade, retroceder tanto. No século passado, quando a nossa memória e a nossa razão podem, sem erros, atingir, encontramos o testemunho inalienável de uma plêiade de estudiosos, de cientistas, como Richet, Crookes, Bernard, Lombroso e tantos outros; que afirmou, depois de anos tormentosos de pesquisas; conscia e coesa: «Atrás das «mesas falantes» atua uma fôrça imperecível das almas imortais, despertando o mundo para Deus».

A célebre sentença — Sapiens nihil affirmat quod non placet —estava satisfeita.

Mas pouco adiantou o trabalho criterioso e sublime daqueles homens. A vaidade muito depressa lançou-o ao esquecimento. Ninguém, agora, o procura conhecer, discutir-lhe o mérito ou autoridade.

O importante, pensam uns, é negarmos tudo que não conhecemos e taxarmos de loucos aos que abraçaram as verdades que nossos olhos não querem, ou têm mêdo de ver.

Outros existem que, sem noções do assunto, afirmam serem as comunicações obras satânicas.

Aos primeiros receitaríamos um pouco mais de boa vontade, de interêsse, porque, ao menor desejo deles, elas se tornariam tão tangíveis, que nem mesmo os Tomés de hoje poderiam desacreditá-las.

E a questão merece respeito, eu acho, pois, como dizia Pascal, «é uma coisa que nos toca tão profundamente que é preciso ter perdido todo o sentimento para permanecer indiferente diante dela.»

Os outros convidaríamos para assistirem a uma «Sessão Espírita» e se integrassem dos ensinamentos divinos que delas emanam e dos propósitos bondosos dos Espíritos que através delas se comunicam e que bem se definem:

«O nosso propósito», fala a voz do além, «na atualidade, é cooperar convosco pela obtenção da paz e da concórdia no seio da coletividade humana.

Agora, filhos, já não são mais os homens os donos do trabalho, os senhores absolutos da tarefa. Tomando por seus companheiros os de boa vontade que se acham aí no planeta, buscando o aprimoramento anímico e psíquico onde aí se encontrem, são os gênios do espaço que, sob a égide do Divino Mestre, vem proclamar, por entre as sociedades terrenas, as consoladoras verdades, as grandiosas verdades.

Já agora, não mais se poderá abafar o ensinamento no silêncio escuro dos calabouços, porquanto uma nova concepção do direito e da liberdade felicita as criaturas.

É em razão disso que os túmulos falam, que os mortos voltam da sombra e do amontoado das cinzas, para vos dizer que a vida é o eterno presente e que a imortalidade, dentro dos institutos da justiça incorruptível, que nos observa e julga, é um facto incontestável.

Conclamando os homens, nossos irmãos, trazemos a todos o fruto abençoado de nossas penosas experiências, asseverando a cada um que o problema da paz e da felicidade está solucionado no estatuto divino. Tôdas as nossas atividades objetivam a revivescência do Cristianismo, na Terra, de modo que um templo se levante em cada lar e um hostiário em cada coração».

Se os homens procurassem no Evangelho orientação para todos os seus empreendimentos e para bem cumprirem as suas tarefas, o Espírito do Cristianismo ha muito já teria desfraldado a sua bandeira em toda a parte do vosso mundo, onde existisse uma alma pensante e anciosa por progredir e alcançar a verdadeira felicidade. Porisso que pregar o Evangelho em espírito e verdade é orientar com acerto aqueles que, à margem da estrada da vida, esperam quem lhes indique um lugar realmente bom. — CAIRBAR.

ÚLCERAS FANTASMAS

Odilon José Ferreira

OS médicos estão colocados diante de um problema que irá dar-lhes muito que pensar, estudar e trabalhar: a constatação das chamadas «úlceras fantasmas» em vários pacientes submetidos a tratamento, os quais apresentam todos os sintomas de úlceras gástricas e duodenais, e que, entretanto, não são portadores de tais enfermidades. Há poucos anos ocorreu em São Paulo um caso que intrigou profundamente os esculápios. Um *doente* apresentou-se em certo hospital queixando-se de fortes dores indicativas de úlcera no estômago. Tirada uma radiografia com todos os cuidados técnicos, nela estava a figura de grande úlcera localizada no estômago do paciente. Impunha-se urgente operação a que se submeteu prontamente o *doente*.

Abertos o abdome e o estômago, neste, entretanto, não foi encontrada a úlcera radiografada. Uma úlcera fantasma... E o *doente* continuou sofrendo as dores terríveis ocasionadas por uma úlcera de que não era portador!

Como poderão os médicos definir semelhante facto?

Os médicos espíritas possuem a chave do problema, que está no Espiritismo — ciência, filosofia, religião — mas os médicos materialistas só poderão engendrar teorias não concludentes, por faltar-lhes a possibilidade de explicarem aquele fenômeno que se prende à existência do perispírito e fluídos que todos nós possuimos, mas a Medicina não quer investigar. O problema, no entantto, é gritante, e mais cêdo ou mais tarde terá de ser resolvido, embora já o esteja agora pelos médicos espíritas, considerados pelos seus próprios colegas materialistas como portadores de *macaquitos no sotão*...

Incontestavelmente, porém, os *malucos* de hoje é que poderão dar aos negadores do espírito mais uma grande lição de patologia isenta da peia materialista. E assim acontecerá, para que o progresso da ciência médica avance cada vez mais até que volva sua atenção para os fenômenos espíritas que afetam profundamente as funções fisiológicas da criatura humana.

Problemas como êsse, os casos de obsessão e tantos outros cuja causa reside na ação que os espíritos desincarnados podem exercer sôbre os incarnados, só poderão ser resolvidos à luz do Espiritismo, a Terceira Revelação das Leis de Deus, que os cientistas precisam e devem estudar para não permanecerem encerrados na sua torre de marfim de orgulho e preconceitos absurdos. Nós, os espíritas, tão malsinados pelos que à luz do mundo são considerados doutos, sabemos de há muito tempo que a «úlcera fantasma» e muitas outras manifestações mórbidas nada mais são que o efeito da atuação consciente ou não de espíritos cujos corpos somáticos morreram vitimados por úlcera gástrica ou outras enfermidades que continuam no outro plano da vida a existir nos seus perispíritos, reproduções fluídicas dos corpos carnais. Por que processo? Um espírito em sofrimento, quando se aproxima de um sensitivo, incarnado, consciente ou inconscientemente pode ligar seu perispírito ao dêste, transmitindo-lhe as sensações que experimenta, até mesmo ao ponto de imprimir no seu corpo a configuração de feridas, manchas, como no caso da úlcera. Haverá, então, como que uma entrosagem dos perispíritos que se aproximam, se assim me posso expressar, e daí localizar-se a úlcera perispíritica radiografável mais ou menos no ponto onde ela existiu no corpo morto. Para um materialista, essa concepção nada mais significa que um erro crasso de interpretação desses fenômenos; mas, para nós espíritas, é a única que pode solucionar o problema em estudo. Sem embargo dessa maneira de interpretar o fenômeno — úlceras fantasmas — os médicos materialialistas continuarão a constatar outros casos, contestar a teoria espírita, sem apresentarem uma solução ao problema.

O pior cego...

A felicidade é o fruto da nossa paciência, amor e perseverança. E' o fruto, enfim, das virtudes ativas e não dos bens temporais. — GREGORIO.

Será nossa Alma uma glândula á parte em nosso corpo ?

Não! Hoje, podemos dizer que não! Alma ou Espírito são uma só e a mesma cousa, apenas as palavras são diferentes. E já dissemos que nós é que somos espíritos, apenas com a diferença que estamos encarnados. Somos, portanto, ESPÍRITOS ENCARNADOS, e a ALMA é o nosso ESPÍRITO DESENCARNADO! Óra sendo o nosso CORPO ESPIRITUAL um corpo organizado, tão real e verdadeiro quanto o nosso CORPO HUMANO, tem aquêle, tanto quanto êste, sangue em suas veias, nervos, carne e óssos; apenas, o que o torna diferente é que, para os sentidos de que dispomos quando ENCARNADOS, não o sentimos como o vemos com os olhos de nossa ALMA, porque nossos sentidos dentro da matéria física terrestre, quando encarnados, perde a sensibilidade própria do nosso CORPO ESPIRITUAL, para só dispôr da sensibilidade das matérias — TÃO PESADAS COMO AS DENSIDADES DO PLANO EM QUE HABITAMOS. Isso, sim, é o verdadeiro!

Não é a nossa ALMA uma glandula que se localize em alguma parte de nossos corpos, quer ESPIRITUAL quer HUMANO! Não! ALMA ou ESPÍRITO, já o dissemos, são uma só e a mesma cousa! Somos nós! Se assim não fôsse poderiamos extraír *essa glândula*, nossa ALMA, e transplantando-a enxertá-la em outro corpo e ELA, de novo, o animaria, e êle, de novo, viveria em toda plenitude de seus sentidos humanos!... E, no entanto, desde que nos conhecemos como humanidade habitantes dêste planeta, jamais foi dado ao Homem o poder de realizar essa transplantação, a não ser nas tentativas sonhadoras daqueles que, ainda, desconhecem que a ALMA que anima todo nosso CORPO é NOSSO CORPO ESPIRITUAL; que dá vida, faz sentir e chorar; faz amar e odiar, nosso CORPO HUMANO! Afastado nosso CORPO ESPIRITUAL, pelo desencarne, cessa, por completo, todo poder sensitivo de nosso organismo, o que nos permite afirmar que é nosso CORPO ESPIRITUAL que sente, em todos os orgãos de seu organismo de ESPÍRITO ou ALMA.

Afastado o ESPÍRITO, ficam os despojos mortaes, para serem devolvidos á terra, na afirmação da máxima de LAVOISIER: «*na terra*» nada se perde, nada se cria; tudo se transforma!»

Admitamos a hipótese de um corpo cujo desenlace se tenha dado a minutos e que os Homens de Ciência quisessem provar que é numa glândula que reside toda nossa faculdade de viver! Então, rapidamente, tomando de um corpo humano em toda extensão de suas faculdades de corpo vivo, retiram essa glândula e tansportando-a para aquele corpo — já inanimado, enxertando-a, aguardariam que êle, de novo vivesse! Êsse milagre se realizaria? Por certo que não! Mas, se, de novo, o CORPO ESPIRITUAL ali voltasse, êsse corpo viveria, novamente, com todas as manifestas expressões de seus sentidos, como o fez o MESTRE, ressuscitando LÁZARO! Não lhe enxertou o MESTRE nenhuma glândula, mas, sabemos, apenas, pelo seu poder, fez que, de novo, voltasse o seu CORPO ESPIRITUAL!

Vejamos no reino vegetal! Tomemos, para figura mental desta nossa crônica, um exemplar de uma planta muito conhecida entre nós: a Mangueira. Examinemos-lhe a sua semente, o caroço de manga, como dizemos, e abrindo a sua cápsula não veremos alí, nada que represente: raiz, tronco, galhos flôres e frutos. E, no entanto, lançada essa semente á terra, dias depois, surgem as primeiras folhinhas, tenras, pequeninas, para se transformarem, gradativa e progressivamente, na planta cujo grosso tronco, coberto de numerosos galhos, tornam frondosa a copa verdejante, repleta de flôres e frutos! Da semente que vimos, ontem, contemplamos, hoje, bela e frondosa mangueira! E, perguntamos: onde reside a vida naquela árvore? nas suas raízes, agarradas firmes, ás entranhas da terra? na magestosidade da grossura de seu tronco? na soberba imponência de seus galhos? ou no explendor de suas flôres? Ou, quem sabe, se no recôndito de seus deliciosos frutos?

Raiz, tronco e galhos, todas as partes da planta sofrem quando são feridos. Mas, não desconhecemos que a *raiz* é a *séde* onde se projetam todos os danos

causados em seu organismo celular. Mas, a manifestação expressa da VIDA, está em toda a sua estrutura, tanto nas flôres como nos frutos. Cada galho que cortarmos, cada flôr que arrancarmos é um pedaço de VIDA que tiramos! No HOMEM, também, cada pedaço de seu corpo que lhe tirarmos é um pedaço de VIDA, que lhe extraimos! A VIDA, no HOMEM como nas PLANTAS, está no TODO!

A SÉDE DA VIDA, sim! Essa, em todas as creaturas, no HOMEM ou nas plantas, têm um centro que age segundo as determinações do PÁI, no ato da CREAÇÃO! No HOMEM êsse centro é o CÉREBRO; nas plantas, a RAIZ! Córte-se a cabeça de um HOMEM e a raiz de uma PLANTA e ambos morrerão! Córte-se quaesquer uma de suas partes, e, apenas, lhes arrancamos um pedaço de VIDA!

Gumercindo Lopes Coimbra.

O Corpo Astral Fotografado no Momento da Morte

«Revista de Metapsicologia» — Por U. P. Wan Walt

Tradução de Antonio Castanheira de Moura

enhoras e Senhores: Permitam-me que chame a vossa preciosa atenção para uma das mais recentes experiências, realizada no passado mês de Setembro (1933), pelo Dr. R. A. Watters, F. R. S. A., diretor da Fundação para as investigações psíquicas do Dr. Wm. Bernard Johnston (E. E. U. U.), cujas experiências provam, de uma maneira concludente, ter sido descoberto o ponto onde se localiza a alma no corpo vivo. Tal facto reveste-se de uma grande importância, se considerarmos que tais trabalhos têm sido levados a cabo, em bases estritamente científicas, por um sábio iminente.

O objetivo de todos os sábios tem sido, sempre, determinar qual a forma ou princípio responsável da matéria animada; porém, até 1933, nenhum pôde resolver êste problema de vital importância. Há no entanto duas hipóteses que se defrontam: — a hipótese mecanicista e a vitalista.

A teoria mecanicista pretende que a *vida* é uma série de fenômenos elétricos, químicos e mecânicos.

A teoria vitalista sustenta, em contra-partida, que os fenômenos elétricos e a atividade química são inerentes à *vida* e que o organismo, com a sua complexidade, está dirigido por uma *fôrça interna* ou *princípio diretor*, que é, em última análise, a *alma*.

A escola mecanicista diz que, quando a *vida* tenha deixado o corpo, tal facto não significa outra coisa do que os fenômenos fisiológicos e psicológicos terem igualmente deixado de produzir-se. O organismo, por conseguinte, nêste caso, morreu, se considerarmos que os fenômenos que produziam a vida, tenham deixado de ter lugar; em resumo, a filosofia mecanicista pretende que *nada abandona* o corpo no momento da morte.

A hipótese vitalista afirma que *algo* abandonou o corpo, quando êste morre. Agora surgem os meus prezados confrades srs. Matla e Zaalberg van Zelst que nos vêm dizer que pesaram o corpo astral dos vivos, tendo concluído que êste pesa aproximadamente 2,5 onças; quer dizer, umas 60 gramas.

O Dr. Duncan Mac Dougall de Haverhill Mass (E. E. U. U.), confirmou êste resultado, tendo-se assim comprovado uma perda de pêso de mais de 60 gramas no momento da morte.

Ainda que a escola vitalista prove que tem razão, dado, todavia, os factos expostos, não pôde dar a prova da sua teoria quanto à causa da perda do pêso referido. A escola vitalista baseia-se mais na fé que nos factos, vendo-se, por conseguinte, os seus partidários, obrigados a apoiarem-se em teorias onde a escola mecanicista se refugia, ou seja, nas observações de laboratório.

Antes que os vitalistas possam desacreditar a hipótese mecanicista, devem provar que a alma existe e que a sua existência é necessária à *vida*. A Ciência não presta ouvidos a uma alma hipoté-

tica; — quer, antes, qualquer coisa de mais tangível.

Agora Gaskell reuniu as duas teorias num livro intitulado: «Que é a Vida?» Ela (Gaskell) considera que a *vida* e a *alma* são uma mesma coisa. Observa a vida e alma como uma *quantidade*, e como tal, uma *intra-atômica*, e, dêste modo, alguma coisa há que abandona de facto, o corpo físico, no momento da morte.

No ano passado, a maior parte do mundo científico admitia, com razão, a teoria mecanicista, posto que esta teoria podia, pelo menos, apresentar factos, podendo mesmo continuar as suas investigações empíricas.

Porque nos levaria muito longe citar todas as experiências que têm contribuido amplamente em apôio da teoria mecanicista, citaremos sómente algumas:

Jacques Loeb F. I., descobriu que os ovos de certas formas de vida podiam desenvolver-se sob a ação de certos métodos físico-químicos.

Gerge Rohn realizou expêriências similares com a ajuda de emanações de rádio.

O filósofo russo Kuljabko colocou corações de frangos mortos em determinadas soluções salinas, e logrou fazê-los palpitar de novo.

Camel isolou algumas células do tecido conjuntivo do coração de um embrião de frango; estas culturas de células vivas, nutridas de extractos de embriões de frango, têm-se podido conservar vivas durante mais de vinte anos.

Os Drs. Wheeller e Kirby, demonstraram igualmente que a secção da iris no tecido vivo do olho vive e desenvolve-se mesmo fóra do corpo do animal.

Porém, as mais notáveis experiências, sem dúvida, foram as levadas a efeito por Crile. Tais experiências pareciam provar, de modo concludente, a hipótese mecanicista. Crile chegou a *criar* a vida, pois obteve algumas células de uma mescla de tecidos e estas comportaram-se como organismos *unicelulares* vivos. Designam-se estas por *células autosintéticas*. Assim mostraram uma ação paralela à dos organismos vivos; quer dizer: que a falta de oxigênio as destrói e quasi todos os agentes que prejudicam as células vivas atingem igualmente as *bélulas autosintéticas*. Crille parecia assim ter provado que a vida é um resultado da atividade química e elétrica e que, quando da sua ausência, a vida deixava de existir; por outras palavras: «que a aludida atividade é o fenômeno responsável da vida.»

A base dos trabalhos de Crile, fundamentava-se sôbre a natureza física da morte, a qual consiste em medir o potencial elétrico dos animais, plantas e frutos, durante os diferentes estados das suas condições de vida e de morte, pois, segundo o seu critério, a vida é assim considerada: «A vida, diz; pode definir-se como um potencial que se mantém, sendo a morte a perda daquele mesmo potencial.»

Como é natural, e perante este resultado, o mundo científico ficava, de certo modo, obrigado a submeter-se à teoria mecanicista, a qual se apoiava sôbre todos estes factos. Por conseguinte, e perante tais factos probatórios, que podiam fazer os vitalistas, se não tivessem esperança de provar as suas idéias antes de chegarem a poder demonstrar e provar a existência da *alma*; se tal prova não se fundamentasse, em parte, no domínio da psicologia e, de algum modo, na física, posto que depois de tudo, o organismo vivo é a *matéria*? A única diferença nos dois estados físicos é que a matéria animada possui *algo*, que, uma vez perdido, a matéria é *morta*. Uma é *animada* e a outra é *inanimada*.

No entanto, e depois da descoberta dos raios x e do rádio, temos podido adquirir informações definidas acerca da constituição da *matéria*. O estudo dos universais radioactivos e ainda as análises das estruturas atômicas, têm-nos levado à compreensão do plano de trabalho da matéria.

Nos princípios do século atual definia-se a matéria como sendo composto de átomos, os quais julgávamos que representassem as mais pequenas partes em que se podia dividir uma substância. Agora sabemos, porém, que os átomos estão compostos de electrões (cargas negativas de eletricidade) e de protões (cargas positivas de eletricidade). *Toda a matéria* está formada por atomos, quer seja um livro, uma pedra, uma flor, ou um ser humano; esta a composição última da matéria que é de natureza atómica.

Este átomo pode ainda dividir-se em duas partes: o núcleo e o electrão.

O núcleo, o protão, é uma carga positiva de eletricidade, e os electrões são cargas negativas, como já acima tinhamos dito. Podemos ainda representar o átomo como um sistema solar ; quer dizer: um sól (ou núcleo), ao redor do qual giram os electrões.

A distância entre o núcleo e o electrão anda à volta de uma *milionésima* do milímetro. O electrão gira ao redor da sua órbita minúscula, com uma velocidade enorme, computada numas 1.400 milhas por segundo. Para poder dar uma idéia desta rapidez, é interessante recordar que numa *milionésima* de segundo o electrão dá *sete mil milhões* de voltas em redor da sua pequena órbita. Se um átomo perde um de seus electrões, a carga positiva do núcleo sobrepassará a carga negativa dos electrões e o átomo será então positivo, ou o *ion positivo*.

Em contrapartida, se um átomo toma outro electrão, ou melhor, perante outro electrão a carga negativa dos electrões será maior que a carga positiva do núcleo e teremos, assim, um átomo negativo ou *ion negativo*. Um *ion* é, em resumo, um átomo desequilibrado.

Agora, porém, com a descoberta da relatividade, temos conhecimento do átomo e, assim, encontramos uma melhor compreensão da estrutura atômica.

E porque é que temos conseguido esta melhor compreensão ? Sensivelmente porque um mineral radioàtivo passa constantemente por um processo de rutura atômica e de transmutação, em virtude das estranhas emissões de raios radioactivos.

Estas emanações radiotivas são os raios *alfa* e os raios *gama* e, é, graças aos minerais radioativos que podemos explorar as estruturas dos outros átomos. O raio *alfa*, por exemplo, é um projetil que atiramos sôbre o átomo; e conforme a maneira de proceder, assim temos aprendido alguma coisa, quanto à estrutura do átomo.

Os efeitos dos raios *alfa* e *beta* sôbre os outros átomos, observam-se por meio de um invento engenhoso chamado *câmara de expansão de Wilson*. Trata-se de um aparelho que torna possível o estudo dos movimentos das emanações radioactivas durante a sua passagem através de um gás. A câmara de expansão Wilson compõe-se de um cilindro de bronze, vidrado na sua parte interior, formando uma caixa que se introduz, algumas polegadas abaixo, no cilindro principal. Esta caixa é circular e pode acionar-se por cima e por baixo ; chama-se câmara de observação, onde há um recipiente para amostras, no qual se pode colocar os minerais radioactivos e amostras biológicas, etc. Em ângulo recto com o recipiente das amostras, há uma poderosa lâmpada que ilumina as operações. Ao dar algumas voltas ao volante produz-se, automaticamente, uma nuvem de neblina artificial.

Agora sabemos que quando uma nuvem se forma, tem a tendência de se condensar sôbre *algo*, pelo menos se existe alguma coisa sôbre a qual o possa fazer.

Introduz-se um fragmento de rádio, e logo se projetam através da nuvem citada, os raios *alfa* e *beta*. A velocidade dos raios *alfa* é tal, que não rompem o ar como o faz uma bala de artilharia, mas sim lança-se diretamente através da *frota*, estrutura atômica do ar, sem fazer outra coisa do que tirar um dos electrões do átomo.

Como já temos visto, os átomos do ar desiquilibrados pela perda de um electrão, transformam-se em *ions* positivos ou negativos. É o que se chama processo de ionização. Estes *ions* atraem então a humidade, formando a neblina ou nuvem artificial, a qual se condensa sôbre estas ínfimas partículas que refletem a luz, de modo tal que, quando os raios *alfa* atravessam a nuvem, deixam atrás de si uma estrela luminosa a qual se pode fotografar. E, assim, chegamos agora à fotografia da alma. A propósito, irei em seguida, desenvolver, com certa amplitude, o problema da fotografia dos *ions*, o que constitui uma experiência de física muito conhecida a fim de ressaltar o princípio em que se baseia a fotografia da alma, e também para que se possa compreender de que maneira se tem podido fotografar o corpo astral.

A base de todo o processo é a seguinte : Se a neblina se condensa sôbre as partículas infinitamente pequenas dos *ions*, os quais se podem fotografar, graças à humidade que se condensa sôbre eles, seria completamente possível, e de modo algum absurdo, que esta neblina se fixasse igualmente, aderindo ás partículas dessa *quantidade* — chamemos-lhe quantidade — do corpo astral que se se-

para do corpo no momento da morte.

Esta experiência tem sómente por objeto estabelecer, que o facto de uma determinada quantidade se separar do corpo, num trabalho de laboratório, equivale à prova concludente de que esta quantidade que se desprende é a vida.

O postulado de Gaskell, apoiado em assuntos físicos, prova que todas as formas de vida, todos os organismos complexos, possuem uma quantidade intra-atómica.

Os experimentadores arguiram que, se a alma existe, deve albergar-se nos espaços intra-atómicos dos átomos de que se compõe a estrutura celular.

Eldugton disse: «Se todos os átomos de um corpo humano se pusessem juntos, ocupando um pequeno espaço, o homem inteiro não seria maior que um ponto, semelhante à ponta mais fina de um *lápis*. Se isto é assim, o corpo físico de um organismo está, por conseguinte, composto, sobretudo, por espaços intra-atómicos ou entre-atómicos; e se nestes existe a alma, temos de a procurar. E se as quantidades infinitesimais, como os *ions* positivos e negativos, se podem localizar, e fotografar os seus fenômenos por meio de um aparelho, parece provável que o aparelho em questão poderá, igualmente, descobrir os fenômenos intra-atômicos».

O resultado destas experiências levam-nos á comprovação de que, na realidade, um *corpo imaterial* se desprende do corpo físico no momento da morte, tornando-se, assim, visível por meio do vapor da água, deixando-se, dêste modo fotografar, como demonstrarei mais adiante.

Watters escolheu os moluscos como a forma mais ínfima da vida, para proceder ás suas experiências, as quais foram ensaiadas, primeiramente, sôbre uma corpulenta lagosta.

Próximo dos laboratórios havia uma grande quantidade destes animais. Tomou-se uma centena destes moluscos para amostras. Separaram-se cincoenta, colocando-as na câmara de experiência, e as outras cincoenta deixaram-se para, assim, se poder determinar a melhor maneira de lhes produzir a morte; finalmente foi escolhido o éter como agente mortal.

Ainda que tomando todas as precauções, era impossível predizer, com precisão absoluta, qual o momento exato da morte real porque, em diversas amostras, a morte produzia-se em momentos diferentes. Compreender-se-á muito facilmente, que êste gênero de experiências nem sempre assegura, em cada caso, um êxito completo, pois é preciso adivinhar quando se produz o momento ideal para a exposição fotográfica.

Primeiramente, a lagosta é colocada na câmara de ensaio, num dos extremos desta, onde se coloca, em seguida, um bocado de algodão saturado em éter e, no momento preciso, que calculamos ir dar-se a morte, dispara-se o aparelho fotográfico.

Agora temos de fazer ressaltar um facto muito interessante, relacionado com as experiências, que é o seguinte:

Enquanto se fazia a exposição fotográfica, retirava-se a lagosta da câmara, injetando-se-lhe adrenalina que, como é sabido, é uma espécie de revivicante do organismo.

Nalguns casos, depois desta injeção, a lagosta dava sinais de vida, provando assim que a fotografia se havia realizado antes do agente moral ter tido tempo de produzir a morte.

Em todos os casos em que uma lagosta deu sinais de voltar à vida, ainda que depois de algumas horas, a fotografia não acusava qualquer sinál de sombra suplementar ou sombra astral.

E nos casos em que a fotografia mostrou sombras caracteristicas, ou formações de corpos imateriais, *os moluscos nunca mostraram a mais pequena prova da volta à vida, ainda que tivessem recebido injeções de adrenalina* e sido conservados em cuidadosa observação durante períodos de tempo que variam de 8 a 14 horas.

De 50 provas, em 14 apareceu o fantasma do molusco sôbre a chapa fotografica; e em nenhum destes 14 casos qualquer voltou à vida; quer dizer que o molusco estava realmente morto.

Quero ainda mencionar um ponto interessante, para assim impedir aos cépticos e aos nossos antagonistas que declarem que estas formas nebulosas podem ser provocadas pelo acaso de formações acidentais de gás. Quero fazer fincapé na circunstância da aparição dos *fantasmas*, que, segundo a teoria, deviam aparecer. Por outras palavras, quando as experiências são levadas a efeito com

lagostas, é uma forma de lagosta que se faz visível nesses *fantasmas*, sendo estes *sempre* de acôrdo com os contornos da forma física. Que cada caso e em cada repetição, as provas, quanto ao corpo astral, eram as características do corpo físico do objeto sujeito. Nada foi deixado à casualidade; nunca uma *contrapartida* imaterial de um rato, por exemplo, se formou quando o objeto sujeito era uma rã.

De uma rã emanava o fantasma de uma rã; de um rato, o de um rato. Fizeram-se centenas de experiências e os resultados fotográficos foram sempre de resultados positivos, quanto ao que respeita à correlação fantasmal com os contornos da amostra — objeto. Teremos de ter em conta a deformação do fantasma, devido às condições físicas que existiam na câmara de vapor.

Os experimentadores crêm, assim, haver demonstrado que um corpo imaterial, se desprende do corpo físico, no momento da morte real, da mesma maneira que se sai de um vestido, concluindo que parece evidente que se obterão resultados similares com as formas superiores da vida, entre elas o homem, em condições experimentais adequadas, posto que, até agora os experimentadores se tenham limitado a operar com animais que representam a mais baixa forma de vida.

Pessoalmente, não creio que exista, entre os fenômenos que constituem a grande cadeia de provas sôbre o que se baseia a verdade do Espiritismo, outro que demonstre de uma maneira tão convincente, da sobrevivência após a morte, como os fenômenos de bilocação, nos quais se demonstra a separação do corpo astral do corpo físico.

Os próprios alemães, Dr. Uans Driesch e Mattiensen, que são, até certo ponto, de opinião oposta ao Espiritismo, têm admitido que se chega a provar que o organismo vivente está composto de um corpo físico e de um corpo imaterial, o qual pode existir independentemente e fora do corpo físico; assim, o Espiritismo teria então uma base firme, levando a Ciência a aceitar a hipótese espiritista como lógica.

Este é, por conseguinte, o mérito das experiências do Dr. Waltters, as quais demonstram em condições experimentais, que *morrer* quer dizer, praticamente, que uma contra-parte do corpo físico se liberta, e a morte não afeta mais que a parte física do organismo vivo.

Dadas as experiências de Waltters, é lógico e razoável atribuir e esta *contra-parte imaterial*, a *quantidade imaterial*, que se liberta depois da morte, e a produção de centenas milhares de fenômenos supranormais, que têm preocupado a Humanidade, pois dada a sua origem têm constituido um verdadeiro quebra cabeças para a Ciência, desde há longos anos.

E, assim, é muito mais lógico e razoável atribuir essas mensagens misteriosas que recebemos... de alguma parte, a esta *contra-parte astral*, uma vez demonstrada a sua existência, sem a sombra de uma dúvida, que inventar toda a classe de teorias e de hipóteses complicadas, pseudo-científicas, frequentemente ridículas, para assim negar esta grande, santa e maravilhosa verdade, que é:

> os nossos mortos estão ativos, são tão vivos como nós, encontram-se em nossa volta, vivendo conosco em todo o sempre.

Esta é a conclusão final a que se pode chegar, depois das experiência do Dr. Waltters.

(Palavras proferidas no Congresso Internacional de Espiritismo de 1932, em Barcelona).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Salve, Grande Missionário!

Após uma noite tenebrosa, surgiu a aurora bendita, espargindo uma luz suave para uma nova jornada... Aos homens de boa vontade ela veio iluminar o roteiro e representa mais um derrame do Amor e da Misericórdia Divina.

Aurora, sim! pois, cumprindo a sua promessa feita na Palestina, o glorioso Mestre enviou realmente, no século passado, o seu embaixador, longamente esperado, «O ESPÍRITO DA VERDADE». E recebeu a incumbência de restaurar e relembrar não sómente TODAS AS COISAS (ensinadas no passado), mas viria ainda com o fim de nos inteirar daquilo que a humanidade do passado não podia comportar devido ao seu estado evolutivo.

Assim despontou, há cerca de cem anos, a bendita aurora depois de uma noite tenebrosa e multi-secular. Para esta finalidade e com a necessária antecedência, o querido Mestre mandou que se estabelecessem os alicerces no mundo material, escolhendo o vaso (missionário) que futuramente deveria colaborar com o ESPÍRITO DA VERDADE no plano material e com a função de coordenar tudo, nos moldes de uma organização completa e adequada. Êste missionário encarnou-se em 3 de Outubro de 1804, na cidade de Lion, na França. Ao iniciar a sua grandiosa missão já era médico e doutor em ciências e letras. Seu nome foi: Dr. Léon Hyppolite Dénizard de Rivail. O seu pseudônimo: ALLAN KARDEC. — Era a figura de um homem destemido e capaz de enfrentar, de vizeira erguida, o mundo da ciência em meiados do século passado.

Sim, espírito destemido era Allan Kardec, pois, não temia ser vilipendiado e ridicularizado pelos dardos venenosos, não só por parte dos homens de ciência, como também, teria de esperar uma tremenda reação do clero dos vários credos religiosos, que o atacariam sem piedade e com o máximo furor.

Aliás, sempre foi assim nêste mundo semi-selvagem e cheio de ignorantes orgulhosos! Todas as inovações e descobertas, antes que beneficiassem a humanidade inteira, eram recebidas com rijos ataques, isto é, com asperas censuras e críticas malevolas; principalmente pela classe chamada de «intelectuais...» e pelo clero. Citaremos apenas: Galileu, João Huss, Martin Luthero, Galvano, e os descobridores: do para-raio, da circulação do sangue, da caldeira a vapor, da estrada de ferro, do telefone, da arte de voar, etc. etc.

As coisas, no correr dos séculos, pouco se modificaram. Ainda hoje vemos a reprodução clássica do «apedrejamento» pela palavra, tal como nos tempos do Mestre existia o apedrejamento real... Sem dúvida, ambas as maneiras de «apedrejamento» revelam tristemente a ignorância e o atraso. Vejamos bem: outróra a estupidez andava despida. e hoje, ela faz uso de uma capa «cientificamente» ou «religiosamente» talhada e confeccionada... eis a diferença.

Mas, voltemos ao assunto. O ESPÍRITO DA VERDADE, com as credenciais do querido Mestre Jesus, supervisionou a transmissão das Revelações que o glorioso Mestre e Salvador, cheio de amor e, com muita pena das suas ovelhas transviadas para o abismo do materialismo puro pelos lobos camuflados em péles de carneiro, mandou derramar por meio dos Seus mensageiros celestiais.

E Allan Kardec, também, espírito circunspecto, estudou, analisou e coordenou estas dádivas do céu, que os Espíritos lhe ditaram por médium escolhido.

Daí surgiu a nova Doutrina, e, em se tratando de uma doutrina que não representava o produto do cérebro dos homens carnais, e sim, de uma grandiosa REVELAÇÃO trazida pelos Espíritos do Senhor, Allan Kardec ponderou muito bem e decidiu: Considerando ter sido trazida a doutrina da Terceira Revelação pela graça do ESPÍRITO DA VERDADE e, tratando exclusivamente das coisas do espírito, ela será chamada doutrina espírita ou Espiritismo, simplesmente.

Desincumbiu-se assim O ESPÍRITO DA VERDADE da sua missão, dando execução à promessa do glorioso Mestre, Jesus, e destinada aos espíritos encarnados, que somos nós, os homens,

a humanidade, simples aprendizes, mergulhados na matéria e «matriculados» na grandiosa escola «Planeta Terra», uma das muitas moradas da incomensurável casa do Pai...

E encerrando estas singelas linhas de reflexões, não o faço sem levar o pensamento para o Alto, louvando a Providência Divina, por ter cumprida a promessa dada no Evangelho, não nos deixando órfãos, por ter enviado o ESPÍRITO CONSOLADOR, ou ESPÍRITO DA VERDADE! — Assim sendo: Graças te damos, querido Mestre, Jesus! e graças também a ti, destemido e valoroso espírito de Allan Kardec!

MAX KOHLEISEN.

EVANGELHO E PAZ

LIMA FILHO

«O problema da paz é questão de fraternidade, em todas as latitudes. E o Evangelho do Cristo constitúe o manancial divino, em cujas correntes de água viva póde o coração renovar-se para a vitória do legítimo entendimento. Guerras, discórdias, crises, representam a resultante da *grande desharmonia* que a *ausência* do *Amor estabeleceu* no *caminho* da *inteligência.* A concórdia real jamais será incubada por decretos políticos ou por princípios apressados de filosofia salvacionista, nas relações dos homens entre si, e para a *harmonia individual não valem tão sómente a argumentação da psiquiatria e as descobertas preciosas da ciência médica. (*) A incompreensão das criaturas torna sombrios todos os caminhos da terra e o viajor da carne sofre a influenciação da angústia que êle mesmo projeta.* Outro recurso não nos resta, além daquêle que condiz com a justa retificação. O Grande Médico e Sublime Renovador do Mundo é ainda o Cristo, que revelou o mistério do sacrifício pessoal por lição inesquecível de ressurreição e triunfo. «Ajuda ao que te persegue e calunia. Ora pelos que te odeiam. Serve sem aguardar retribuição. Renuncía a ti mesmo, toma a cruz da abnegação em favor dos que te cercam, e segue, de ânimo robusto, para diante. Se procuras o primeiro lugar, sê o dedicado servo de todos. Áquêle que te pede a capa, dá igualmente a túnica. Ao que te exigir a jornada de mil passos, caminha com êle dois mil.» *Semelhantes ensinamentos pairam sôbre a fronte da humanidade, concitando-a á vida nova. A organização mental é um instrumento que, ajustado ao Evangelho, deixa escapar as vibrações (* *) do amor, sem cujo domínio a vida em si prosseguirá desequilibrada, fóra dos objetivos superiores a que indiscutivelmente se destina.* Há produção de pensamentos no mundo, como existe *a produção de flores e batatas. Criamos,* em tôrno de nós, a *atmosfera de ordem ou perturbação,* quando incentivamos a seára de trigo ou *suportamos, por relaxamento, a colheita compulsória de hervas daninhas.*

Convidando-nos ao trabalho construtivo com bases no devotamento pessoal pelo bem de todos, a *mensagem de Jesus compele-nos a irradiar fé e paciência, serenidade e bom ânimo, com atividade plena e infatigável a benefício da alegria comum.* Habituamo-nos, assim, a compreender as *necessidades do vizinho, guardando um coração educado para auxiliar sempre,* cedendo de nosso egoísmo ao alheio contentamento. Sob tais moldes, a *experiência do lar é mais sadia e nobre, o clima de confiança possibilita sólidos alicerces à felicidade e caminhamos para a frente de espírito arejado,* prontos a socorrer todas as dôres e a contribuir na equação dos problemas de quantos procuram a benção do progresso junto de nós A comunhão com Jesus sublima as secreções ocultas da alma, proporcionando-nos acesso fácil ao manancial de fôrças renovadoras do sêr ou de *hormônios espirituais da vida eterna.* Afeiçoando-nos ao Mestre Sublime, *seremos verdadeiramente irmãos uns dos outros. Em nosso coração e em nossa mente reside a sementeira da luz.* Auxiliando-a com a bôa vontade, sob a inspiração ativa e constante da Boa-Nova, no esfôrço mútuo de compreensão das nossas necessidades e problemas que exigem o concurso incessante do *Amor,*

(*) Vêr as obras do Dr. Inácio Ferreira — Novos Rumos à Medicina.

(*) «Armônicas do amor».*

alcançaremos, mais cedo, a vitória da saúde e da alegria, do aperfeiçoamento e da redenção.» EMMANUEL — «Reformador» de Fevereiro de 1951.

Até aquí falou o nosso Irmão Emmanuel, êsse Vivo do além ! Agora, nos fala também uma viva ilustre, ainda quando na terra, sim, ela nos fala com o coração, vivo e cheio de amor e luz. De Lá e de Cá são as vozes que constituirão êsse artigo, feito para essa hora tremenda !

Quem nos vai também falar ? Quem já terá vivido ou pelo menos pensado nêsse amor tão puro ? Quem, como Sociólogo eminente, hoje em dia nêsse baixio de poeiras odiosas, sangrentas e produtoras de lágrimas, conheceu, compreendeu êsse problema tão superprofundo ? Quem ainda na terra e terrena falou para a terra em linguagem *Divina ? Adir o coração à mente, sim, absorvendo o espírito proficionalista e abstrair do meio seu espírito para escrever com o coração, sentindo a Lei Divina do Amor, em páginas de Luz ?*

« — Por mais que se tenha vivido o Amor puro dos eleitos, quem será capaz de esboçar, de leve, a maravilhosa lei do Amor, do Alfa e do Ômega da Fôrça Universal ?

Só no silêncio, só no profundo mistério do silêncio o amor póde ser decifrado. Só quem chega a amar assim, conhece a «Perpétua Alegria de Viver», de renovar-se, de renascer muitas vezes em cada instante. Só quem sabe amar no silêncio, sente como a beleza universal canta no coração humano.

***

Só para amar foi feita a vida. Cristo, o supremo individualista de uma moral só de ternura, *perdoou a pecadora*, não porque ela se arrependesse, mas, porque amou muito...

***

Viver é projetar, na tela de si mesmo, a fantasmagoria de um mundo de sonhos e de rítmos e substitui-los e transformá-los, em cada instante, e iniciar novas projeções após cada *amortalhar de uma ilusão desfeita. A dor vem para avivar a nossa consciencia e nos indicar as veredas de uma verdade inédita. Deveriamos abençoar as amarguras como o marujo fita o faról luminoso da sua única esperança.* A Dôr e o Prazer, os dois polos opostos, se confundem na mesma emoção, ambos elevando, ambos dignificando, ambos contribuindo para o *despertar interior.* A Dor nos ensina o meio de nos libertarmos das limitações, das próprias contingências da vida. É através da Dôr que aprendemos a ser lívres. Até nas mais inomináveis baixezas vela a Dor, e ela constitue degráos para a perfectibilidade e para o individualismo. A Dor abre as portas da nossa alma aos doces sonhos do Amor e ás contemplações da Beleza em todas as manifestações da Arte criadora.

. . . . . .

É por isso que as mulheres e os homens teem de reintegrar-se na sua Ressurreição...

. . . . . .

«E não há alma alguma, por mais simples que nos pareça a sua estrutura mental, que não sinta, que não experimente impressão de um *Quid* estranho, que não entreveja que a Energia Infinda *propagou irradiações sonóras no éter, nas águas, na terra, no côncavo de uma pétala, beijo miraculoso do Amor Universal !*

Beijo heróico da fecundação pela dor, busca incessante da beleza, volúpia das almas eleitas, música divina dos corações sensíveis, escalada portentosa na espiral das verdades, fragmento arrebatador do sonho inefável dos nossos deuses interiores, salve ! Ó beijo incomensurável de Amor Universal !»

***

Essa é a *«Religião do Amor e da Beleza»* que nos faz sentir as páginas de Maria Lacerda de Moura em seu livro com êsse mesmo título, publicado pela *Tip. Condor — Rua do Carmo, 23 — S. Paulo — 1926.* Páginas 250, 251 e 254. Ainda em 1.ª edição ! ! !

Sim, Religião do amor e da beleza é o que nos ensina Emanuel, nos ensinou o Cristo e Maria Lacerda de Moura, sentiu e escreveu para nós e já nos escreveu também pela pena mágica de Francisco Cândido Xavier, no Grande Livro — «Falando à Terra», *publicado pela Federação Espírita Brasileira, em 1951.*

É isso que os Espíritos de Luz nos ensinam hoje e é isso que é preciso *agora* ! É isso que *é Espiritismo em Espírito e Verdade, agora quando o mundo velho se esboroa sob as enérgicas irradiações da bomba atômica ! Que Jesus nos abençoe o espírito !*

Crônica Estrangeira

Alguns meses depois da sua morte reaparece Maria Montez

Factos estranhos se desenrolam em sua antiga casa na França — As luzes se apagam de súbito, há rumores espantosos, aparece inexplicavelmente uma faixa de claridade em plena escuridão que toma, pouco a pouco, a forma humana da grande e saudosa artista, falecida repentinamente em Setembro do ano passado!

PARIS, (Janeiro) — Em todos os meios desta capital estão sendo comentados, com o maior interêsse, os factos estranhos que estariam se passando na antiga residência da conhecida e saudosa artista de cinema Maria Montez, que faleceu subitamente em Setembro do ano passado, vítima de um colapso cardíaco no momento em que estava na banheira. A morte de Maria Montez, como é sabido, consternou o mundo inteiro. Era ela, sem dúvida, um dos grandes nomes da téla. Ademais, mulher de extraordinária beleza, possuía, também, um espírito privilegiado. E seu falecimento repentino encheu de dôr todos quantos, mesmo através da téla, estavam acostumados a ver e a ouvir a grande «estrela» cinematográfica. Agora, alguns meses depois da morte de Maria Montez, seu nome volta, novamente, ao cartaz, monopolizando a atenção de toda gente. E por que? Exatamente porque num dos prestigiosos semanários que se editam aquí, o «Ici Paris», apareceu, recentemente, uma ampla reportagem, assinada por Jany Casanova, sôbre os factos estranhos que estão se verificando na antiga residência da saudosa «estrela». Maria Montez era casada com Jean Pierre Aumont e tinha uma linda filhinha, Maria Cristina, em cuja companhia residia na propriedade «Les Copeaux», em Suresnes. Nesta casa é que estão se verificando os factos estranhos. Três meses após a morte da «estrela», verificou-se seu aparecimento diante dos vivos! A notícia, como é natural, tem provocado discussões. Os espíritas acreditam firmemente no que revela Jany Casanova, ao passo que os materialistas, com sorrisos irônicos, afirmam que os factos estranhos não passam de fantasias. Seja como fôr, a verdade é que, segundo a sensacional reportagem, na casa em que morava Maria Montez, estão acontecendo factos curiosos inexplicáveis. Êste, por exemplo: desde o dia em que Maria Montez fechou os olhos para sempre, as lâmpadas de seu quarto de deitar jamais se acenderam, apesar dos esfôrços dos eletricistas, que não encontram explicações para o fenômeno. Mas, não é só. Há, realmente, os que afirmam, com a maior segurança, já haverem visto a aparição de Maria Montez, em sua antiga residência. Naquela mesma casa de Suresnes, onde Maria Montez viveu, enchendo o ambiente de risos e alegrias, estão sendo apurados factos assim: as luzes se apagam subitamente, registram-ss sussurros estranhos em plena escuridão, aparece uma faixa de claridade que toma pouco a pouco a forma humana de Maria Montez. Os fenômenos espíritas, continuam desafiando a argúcia de leigos e de entendidos dos que crêem e dos que não crêem. Tais fenômenos existem. Resta saber, apenas, a verdadeira causa dos estranhos fenômenos, que para os espíritas não passam de felizes comprovações de que o espírito sobrevive à morte...

*

Meu filho Gabriel

Por Frederico Duarte — Manchester

Como já é do conhecimento dos meus prezados leitores foi no Rainbow Circle, que se reune todas as segundas-feiras em casa da conhecida médium de transfigurações, Madame Bullock, que meu filho e o espírito de Cairbar Schutel, se transfiguraram e me falaram por mais duma vez. Tive a oportunidade de ser apresentado a um conhecido médium, o qual me surpreendeu bastante ao manifestar-me que meu filho tinha aprendido a língua portuguêsa com o espírito dum meu ex-companheiro e para poder obter uma confirmação disso, intrevistei-me com outros médiuns, tendo por seu intermédio o Gabriel me dito que não era isso verda-

de. Para poder ficar mais certo disso, decidi comunicar com o espírito de Rainbow, o Guia Principal do Rainbow Harmony Circle, o qual me deu a seguinte explicação:

«Você procurou a Fantasia, a Ilusão! Deixou a Substância para caçar a Sombra! Nós ajudamos o Gabriel na sua chegada aqui, assim como Cairbar e me alegro em dizer-lhe que ambos estão fazendo grandes progressos.

Com respeito a Línguas, ao Gabriel de nada lhe interessa o português, espanhol, italiano ou chinês! Isso de nada lhe serve, pois a sua língua que falou enquanto andou pela Terra lhe basta para poder manifestar-se por intermédio de qualquer médium. Nós aqui temos só uma língua com a qual comunicamos uns espíritos com os outros.»

Isto é interessante, e quando alguém nos diz, por exemplo, que ouviram um chinês (espírito) falar em inglês, só temos a crêr que êsse se assim se manifestou foi por meio do inglês que aprendeu e conheceu quando andou cá por êste Mundo. Geralmente tais comunicações são feitas com o tom e expressão peculiar do espírito no que nós chamamos aqui «Broken English».

Tenho recebido diversas comunicações do Gabriel por intermédio da psicografia, por trance dos médiuns, por clarividência, mas sempre na língua inglesa. Manifestei isso ao médium e lhe pedi para que se submetesse a ficar em transe e eu pediria ao seu «control» para permitir ao espírito de meu filho vir falar comigo em português.

Êsse médium recusou-se a fazê-lo, e porque?

Naturalmente devido ao facto de recear a que eu o «apanhasse talvez despercebido», e reconhecesse logo a voz de meu filho!

Todos aqueles que se dedicam às investigações de fenômenos psíquicos, devem empregar o seu «tacto» e nunca aceitarem uma mensagem como genuina, sem primeiramente dissecá-la!

Esta questão de «linguas» é perplexa para aqueles que começam a entrar nas suas investigações sôbre a Sobrevivência. De minha parte tenho recebido mensagens em várias línguas, mas em alguns dos casos, foram incompreensíveis e sem valor nenhum para mim.

Ontem à noite o espírito do Gabriel me falou por clarividência duma médium honesta e bem conhecida na Inglaterra, dizendo-me para não me descuidar dos amigos do Brasil, e a enviar-lhes as minhas crônicas!

Aquí fica feita a sua vontade!

⁂

Enterrada viva, volta a relatar o ocorrido

«Two Worlds»

O espírito de uma mulher manifestou-se recentemente numa sessão em Ancona, cidade italiana, com o estranho pedido de exumação de seu corpo do lugar em que fôra sepultado, segundo noticía *Chimes*, mensário psíquico americano.

O espírito assegurou ser o de Rosa Menichelli, que residira na pequena cidade de Castelraimando, província de Ancona, que fôra enterrada viva no cemitério Camerino e que a verdade seria descoberta se exumassem o corpo.

O Professor Stoppoloni, presente à sessão, obteve a permissão das autoridades para abrir a sepultura.

Aberta esta, com grande surprêsa de todos os presentes, verificaram que Rosa Menichelli realmente fôra enterrada viva.

O corpo estava retorcido, com as pontas dos dedos metidas na bôca. As pernas, repuxadas para trás e comprimidas contra a tampa do caixão, numa posição de desespêro.

Rosa Menichelli falecera em 1939, aos 28 anos de idade. Os médicos supuseram ter ela sido vitimada por síncope cardíaca.

O Prof. Stoppoloni, que investigou a matéria, declarou que seu grupo recebera a mesma comunicação diversas vezes antes, antes de decidir-se a investigar.

Êle disse que o espírito pediu a propaganda contra sepultamentos logo após a morte, para evitar sofrimentos desnecessários a pessoas que realmente não passaram pela morte.

O processo comum na Itália é o sepultamento 24 horas após a morte. Não praticam o embalsamento. Essa mulher, supõe o Prof. Stoppoloni, foi enterrada em estado de catalepsia, de que mais tarde despertou.

⁂

Ernest W. Oaten

«Two Worlds»

Com a passagem de Ernest W. Oaten à Vida Superior, a 3 de Janeiro p. p., no Hospital Real de Bristol, perdeu o Espiritismo a presença física de um notável condutor.

Durante seis anos exerceu êle a presidência da União Espiritualista Nacional e sua ação no campo espírita estendeu-se a vários setores, inclusive a direção, durante vinte e seis anos, do semanário «Two Worlds».

Entre outros notáveis empreendimentos, podemos mencionar ter sido êle o primeiro inglês a propagar o Espiritismo pelo rádio.

Em 1928 foi eleito presidente da Federação Espírita Internacional, cargo que exerceu durante seis anos.

Sua estreita associação com Sir Arthur Conan Doyle está na memória de muitos espíritas que os conheceram. Conan Doyle dedicava grande estima a Oaten e confiou-lhe a organização dos programas de suas viagens de propaganda.

Durante mais de 50 anos dedicou-se êle à causa com zelo e devoção.

Ao substituir Esnest Oaten na direção de «Two Worlds», escreveu o atual diretor:

«Poucos tiveram o privilégio de deixar sua marca num grande movimento histórico e Ernest Oaten é um exemplo brilhante para os que aspiram a ser um espírita de escól.»

Em 1889 entrou êle numa tipografia e foi aí que, em conversa com seus companheiros, pela primeira vez ouviu referências ao Espiritismo. Ele era contrário á idéia e resolveu descobrir os truques.

Com êste propósito, assistiu á primeira sessão em fevereiro de 1892. Seu espírito crítico e analítico o convenceu que êsse Espiritismo exigia acurada investigação.

Seu interêsse despertára e êle assistiu a conferências que, naquele tempo, eram proferidas por Emma Hardinge Britten, J. J. Morse, Florence Marryat e Ellen Green.

Estes eminentes pioneiros deram ao jovem Oaten algo para reflexão. Mais tarde uniu-se a dois círculos semanais e, durante oito anos, assistiu a sessões.

O Centro de Cardiff teve a honra de primeiro inscrevê-lo como seu membro em 1894. No mesmo ano os espíritos desenvolveram sua mediunidade, pois, ao dirigir uma sessão no Liceum, êle sentiu-se controlado, quando de pé sôbre o estrado. Seu contacto com seus amigos espíritos e guias foi permanente.

Em 1896 êle se tornara médium de transe e sua primeira conferência pronunciada em Barry.

Foi este o começo de uma vida longa e valiosa de serviços prestados a causa do Espiritismo, e centenas de milhares foram conquistados para o Espiritismo através de seus ensinos profundos.

Em 1903 foi E. Oaten elevado a presidente de Portsmouth Temple. Na conferência da S. N. U. em Halifax, julho de 1910, êle falou numa sessão compacta ao lado de W. T. Stead. No ano seguinte foi êle promovido para o National Council na Conferência de Newcastle, de que se tornou presidente em 1915.

Durante sua permanência em Manchester, como diretor de «Two Worlds», êle causou profunda impressão no movimento da cidade que é rica com Espiritismo histórico. Lá êle organizou mais de 100 reuniões de propaganda mensal no célebre Ardwick Hall, que tem sido o estrado de eminentes espíritas, desde a primeira pioneira, Emma Hardinge Britten, em Manchester.

O tributo dos espíritas

Vasta foi a afluência de espíritas, representando vasta área, presentes ao serviço funerário, no Crematório de Bristol, quarta-feira. O serviço foi dirigido por Mr. Percy Wilson, presidente da S. N. U. O conhecido escritor Maurice Barbanell rendeu a E. Oaten, o seu tributo pessoal.

AVISO Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês de Abril, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Conselho Federativo Nacional

Súmula da Ata da sessão de 2 de Fevereiro de 1952

Rio Grande do Norte. O «Diário de Natal», tem publicado longas e interessantes crônicas espíritas do confrade Cristóvam Marques Pessoa, alcançando assim a propaganda o grande público leigo. O C. F. N. tomou conhecimento do facto, através do atencioso ofício que lhe dirigiu o autor dessas crônicas.

Enviado Especial. O Presidente comunica que o confrade Atlas de Castro, representante do Sergipe, conforme deliberação do C. F. N., seguiu em missão especial ao Norte do País, afim de tomar parte no 2.º Congresso das Juventudes Espíritas Nordestinas, a realizar-se em Natal, e visitar todas as Capitais, de Salvador a Manáus, a serviço da Unificação.

O Programa de Santa Catarina. O Dr. Manoel Bernardino lê um ofício do confrade Osvaldo Melo, comunicando-lhe que o programa da Federação Espírita Catarinense é a Carta Magna de 5 de Outubro, redigida pelo mesmo presidente da F. E. C., como Secretário que foi da Assembléia daquela data, e por isto nenhuma instrução especial tem a dar à sua representação.

Inauguração de Séde Própria. O mesmo Conselheiro lê um telegrama convidando para a solenidade da inauguração da nova séde da Federação Espírita Catarinense, em 15 de Fevereiro corrente. Ficam encarregados de representar o Conselho nessa inauguração o próprio representante de Santa Catarina e o Dr. Lins de Vasconcellos.

Concentração de Juventudes. O Presidente da Liga Espírita do Distrito Federal comunica que se realizou com grande êxito a concentração de mocidades espíritas promovida pela Liga.

União Espírita Goiana. O Dr. Francisco Nogueira, representante de Goiás, comunica que foi reeleita por unanimidade a mesma Diretoria daquela entidade de âmbito estadual.

Assistência Social. Como Diretor do Departamento de Assistência Social, o Dr. Lins de Vasconcellos faz as seguintes comunicações ao C. F. N.:

1.º — Estão em franco desenvolvimento as obras do «Lar Infantil» de Paranaguá, no Paraná.

2.º — Recebeu um relato histórico do Asilo Legião do Bem, instalado nesta Capital em 25 de Dezembro de 1926, o qual continua prestando bons serviços.

3.º — Recebeu o balanço de 1951 do Departamento de Assistência Social «Dom Bosco», de Barbacena, Minas Gerais, cuja finalidade é dar assistência ás mães e ás crianças.

4.º — Recebeu os estatutos da «Cidade dos Menores Desamparados», a ser construída pela «Fundação Allan Kardec», em Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

5.º — O Governador do Maranhão sancionou a Lei votada pela Assembléia Legislativa do Estado, que considera de «Utilidade Pública» a Seára Espírita «Deus, Cristo e Caridade», mantenedora da Escola de Corte e Costura «Antonia Rocha».

Projeto de «Normas». O Representante do Ceará propôe seja adiada a discussão do projeto de «Normas» em virtude de lhe ter faltado tempo para fazer um estudo atento, de vez que se trata de trabalho longo e de responsabilidade, sendo presumível que a outros Conselheiros o mesmo se tenha dado.

Um fenômeno curioso que se positiva

«A Época», desta capital, publica a seguinte interessante notícia, enviada pelo seu correspondente em Lindoia:

— Uma estranha ocorrência registraram as autoridades de Termas de Lindoia, a qual está provocando os mais desencontrados comentários entre a população local. No bairro denominado Tanque, que fica entre Lindoia e Socorro, residiu há tempos o lavrador Lourenço Alves Domingues, falecido em Setembro do ano que se foi. Deixou na orfandade oito filhos, a saber Maria, Sebastião, Antonia, Benedita, Ana, João,

Avelina e Albertina, a quem legou onze alqueires de terra cultivável e pequena quantidade em dinheiro.

VERDADEIRO MILAGRE

Agora, uma das filhas do falecido Lourenço, Maria Alves Domingues, acaba de relatar um facto que se envolve numa penumbra de profundo mistério. Uma noite, dormindo na casa onde o lavrador cerrara seus olhos para sempre, ela observou que uma estranha claridade invadia seu quarto, aparecendo-lhe, em seguida, a figura do pai que lhe apontando o fogão, fazia outros gestos, em direção à propriedade.

Quando a imagem desapareceu Maria não mais conseguiu conciliar o sono. Levantou-se pela manhã, e indo a procura do mano Sebastião, pediu-lhe que demolisse o fogão, após fazer o relato do acontecido. Não dando crédito ás palavras da irmã, Sebastião recusou-se a atender seu pedido.

Não desanimando, Maria procurou as autoridades do município de Socorro, logrando que alguém se interessasse pelo assunto.

Ela não havia mentido. Algo foi encontrado no chão, sôbre o qual foi erguido o fogão.

DINHEIRO

Posto abaixo o fogão, junto aos tijolos Maria e demais pessoas encontraram um caixão totalmente cheio de moedas de prata, que circulavam antigamente, no tempo do império, no valor de um mil réis, dois mil réis e quinhentos réis, oitenta notas de quinhentos mil réis, além de outras em papel parcialmente destruído.

Noutro local, também cuidadosamente escondido, havia um jacá contendo oitenta quilos de dinheiro de cobre, dez mil moedas atuais de um cruzeiro e quinhentas moedas de 50 centavos.

Procedida a repartição do «tesouro», coube a cada filho de Lourenço, seis quilos de prata antiga.

D. Maria, a autora do achado, desconhecendo o valor histórico das pratas que lhe couberam, vendeu-as por seis mil cruzeiros.

De «A Centelha».

Cairbair Schutel

A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» realizou no dia 2 de Fevereiro último, ás 20,30 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma sessão comemorativa do 14.° aniversário de desincarne do seu patrono, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que regressou à Pátria Espiritual no dia 30 de Janeiro de 1938.

Usaram da palavra os companheiros Watson Campêlo, Costa Filho e Edo Mariani, presidente da Mocidade. Recitaram poesias os juventinos Sebastião Casedei de Oliveira, «Credo»; Janice Gandolfi, «Lamentos de órfão»; Donata Casadei de Oliveira, «Karma», e a menina Elvirinha Perche Campêlo, «30 de Janeiro».

—

A convite da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», o nosso particular amigo e confrade, Dr. Jony Doin, residente na Capital e um dos oradores mais ativos da seára espírita, realizou no dia 3 de Fevereiro último, ás 20,30 horas, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», uma brilhante e bem aproveitada conferência sôbre diversos aspectos do Espiritismo, agradando em cheio a assistência.

«Constancia»

A nossa brilhante colega «Constancia», uma das mais antigas revistas espíritas, que se publica em Buenos Aires, completou no dia 9 de Fevereiro último, 75 anos de existência, tempo êsse que constitúe a melhor prova de perseverança e bôa vontade dos confrades argentinos no trabalho da seára espírita.

Festejando o auspicioso acontecimento, «Constancia» circulou em 1.° de Fevereiro em edição especial, publicando muitos e belos artigos referentes ao seu aniversário e diversos clichés das figuras mais destacadas da Sociedade «Constancia».

A' distinta colega, o nosso abraço congratulatório, com votos de contínuo progresso.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Nosso Livro
Emmanuel
Nosso Lar
Renúncia
Voltei
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 40,00
	Semestre —	„	„	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	50,00
	Semestre —	„	„	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro